

G656

Goodwin, Thomas(1600-1680)

A Santidade do Evangelho no Coração
e na Vida– Parte 5 - Thomas Goodwin

Traduzido e adaptado por Silvio Dutra

Rio de Janeiro, 2021.

56p, 14,8 x 21 cm

1. Teologia. 2. Vida cristã. I. Título

CDD 230

LIVRO II

O comportamento de um cristão, conforme expressado sob a noção de amizade com Deus.

- O exemplo de Abraão ser amigo de Deus.
- Como, no sentido do apóstolo Tiago, ele foi justificado por obras - Como Deus é grande, excelente e bom amigo para nós. Esta consideração deve envolver-nos em uma amizade sincera com ele.
- Quais são as funções a serem desempenhadas por nós, conforme apropriado e devido a tal amizade?
- Do comportamento de um cristão, como é chamado a servir a Deus.

“Não foi nosso pai Abraão justificado pelas obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Vês como a fé operou com suas obras, e pelas obras a fé foi aperfeiçoada? E a escritura foi cumprida, a qual diz: Abraão creu em Deus e isso foi imputado a ele como justiça: e ele foi chamado de Amigo de Deus.” - Tiago 2: 21-23.

CAPÍTULO I

A obediência de um cristão expressada sob a noção de amizade com Deus.

- O título de ser "amigo de Deus" é dado a Abraão
- O significado do apóstolo Tiago, quando ele diz, que Abraão foi justificado pelas obras.

Meu presente assunto é a obediência de um homem já regenerado; e esta noção de amizade com Deus irá de uma maneira ampla servir para nos ilustrar. A amizade é a força do amor, e a maior melhoria disso. "Teu amigo", diz Moisés, "é como tua própria alma," Deut. 13: 6. A amizade é comum e incluída em todas as relações de amor. Um irmão é (ou deveria ser) um amigo; é senão amizade natural. Marido e mulher são amigos; aquele nó é apenas amizade conjugal. Veja uma instância para ambos, Cant. 5: Cristo teve primeiro ligado para sua irmã da igreja e depois para sua esposa; e como não contente com ambos, embora colocados juntos, ele adiciona outra obrigação como acima de tudo, "Oh meus amigos!" Esta amizade com Deus, portanto, da forma mais perfeita e completa serve para expressar o amor e a obediência dos santos a Deus, que é aqui apresentada no texto, no o exemplo de Abraão, cujo estado de pessoa e temperamento de coração é aqui feito o padrão comum de todos os crentes.

Esta frase de ser amigo de Deus não é apenas expressiva da primeira obra de Deus sobre nós, mas é suficiente para nos instruir e dirigir, e (como o Espírito Santo fala em outra ocasião) "para fazer o homem de Deus perfeito." Todo esse encargo dado a Abraão, quem é aqui feito nosso padrão, Gênesis 17: 1, "Ande diante de mim e sê tu perfeito," é sumariamente compreendido neste testemunho de seu comportamento, por meio do qual ele fez o caráter de um amigo, e assim foi chamado de amigo de Deus. Outros títulos que

nos são dados são mais expressivos de nossos privilégios, como ser chamado de filho, de herdeiro; mas isso de ser um amigo de Deus (cuja constituição essencial e essência a regeneração primeiro nos dá) expressa mais do dever e da disposição interior de um cristão para com Deus, embora também seja como um alto título de dignidade como qualquer outro. Deus escreveu nas palmas das suas mãos, e como um sinete e um memorial em sua mão direita, o nome de "Abraão, seu amigo"; ele se lembra dele e de sua semente novamente e novamente, como se tudo fosse falado em uma palavra. Em nosso privilégio por isso não vou insistir, senão no dever, nas disposições dele, não posso omitir, tendo ido tão longe nisso, que Cristo também insinua, João 15:14. "Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando."

Para que eu possa chegar a esta porção das Escrituras (meu texto), como está em coerência com as palavras anteriores, devo necessariamente abrir o objetivo e intenção de Tiago nisso, em que há tanta controvérsia sobre isso. O ponto que ele busca neste capítulo e esta epístola era para convencer professantes soltos, que, edificando-se sobre a doutrina de Paulo (que se não tivesse sido corrente naqueles tempos não haveria cor para o seu erro), aquela fé sendo a única que nos salvou e nos justificou sem obras, eles, então, perderam a profissão na prática, não julgando a santidade interior em seus corações, ou uma rigidez exterior em suas vidas como necessário, visto que só a fé salva.

Agora, neste capítulo, existem dois meios pelos quais ele evidencia a vaidade desse engano.

1. Que mesmo sob o evangelho, há respeito universal a todos os mandamentos, tanto um quanto outro, são necessários, e sobre o o mesmo fundamento para todos como para qualquer um; sim, e que no último dia, Deus julgará cada homem de acordo com esta regra, que ele chama de "lei da liberdade", verso 12. O evangelho requer um respeito sincero a todos os mandamentos; isso você tem do verso 8 ao 14:

“8 Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem;

9 se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo arguidos pela lei como transgressores.

10 Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.

11 Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei.

12 Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade.

13 Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo.

14 Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?"

A segunda parte deste discurso, e que ele processa ao final do capítulo é,

1. Que a verdadeira fé salvadora sempre tem obras de santidade, ou tal respeito a todos os mandamentos, acompanhando-o no coração e na vida. E,

2. Pelo contrário, aquela fé que não tem esses frutos é apenas uma fé morta, e não a fé genuína e verdadeira, como todos os crentes que são salvos. Sim e

3. Que a fé de todo homem (e assim junto com ela todo homem que professa ter verdadeira fé) deve um dia ser colocado em um julgamento aberto, para justificar a verdade de si mesmo, e de sua profissão, e isso diante de todo o mundo. E o crente também será colocado na justificativa de ter uma fé má como a de que Deus (ex consequenti, ou na sequência) professa apenas justificar o homem; nos últimos dias, a fé é a graça que deve ser experimentada e encontrada para honra e glória, 1 Pedro 1: 7. E o homem que deve pleitear justificação pela fé somente (o que Tiago não contradiz), e que ele tinha uma fé salvadora, deve passar por este exame, se sua fé produziu tais obras, sim ou não, como a natureza da verdadeira fé, com diferença da fé falsa e não fingida (que Tiago disputa contra), observa.

Essas três afirmações, ele mescladamente estabelece. A primeira, no verso 14, "Que aproveita ao homem se disser que tem fé e não tiver obras?" "Pode ἡ πίστις, essa fé, salvá-lo?" A segunda está no verso 17, "Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.", e é a fé que os demônios têm, verso 19. A terceira está nos versículos 21 e 24, "O homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé." O problema de tudo vem a isso, que a verdadeira santificação e santidade de coração e vida são exigidos por Deus para a posse e o desfrute da salvação, bem como da fé, e serve para justificar a verdade da fé, pela qual somente ele tem direito a ela.

Agora, para a confirmação de tudo isso, ele alegou a instância de Abraão como uma convicção inegável e evidência suficiente, como seu prefácio mostra: "Queres saber, ó homem vaidoso?" diz ele, verso 20. Ele dá a tais possuidores o título de homens vaidosos, porque eles são vãos em sua imaginação, Rom. 1, e enganados no que constroem em diante, e sua religião se mostrará vã (como no capítulo 1:26 ele fala); tal homem "engana seu próprio coração, e sua religião é vã".

Agora tu sabes, isto é, te darei uma invencível demonstração de todas essas coisas? Tanto aquela fé que é sem as obras é uma fé morta, uma fé falsificada e, portanto, de outro tipo da fé salvadora. E em segundo lugar, que todo aquele que professa ter fé, deve ter uma justificação (no sentido correto e verdadeiro) pelas obras, etc.

Para isso, tome aquele exemplo de nosso pai Abraão: Tiago 2:21, "Não foi Abraão, nosso pai, justificado pelas obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar?" Devemos entendê-lo aqui de perto para processar aquelas afirmações que ele tinha começado, das quais uma era, que não era suficiente para um homem que seria salvo dizer que ele tem fé, mas ele deve tornar isso bom e mostrá-lo por meio de suas obras.

E, conseqüentemente, quanto a este sentido, o apóstolo deve ser entendido quando fala isso de Abraão (pois ele fala pertinentemente com suas conclusões estabelecidas), que se nosso pai Abraão estivesse vivo agora, ou aparecesse no dia do julgamento, e diria ou imploraria que ele tinha a fé, sobre a qual Deus imputou justiça a ele, que no entanto, mesmo ele, assim como qualquer outro, deve mostrar que tinha essa fé por suas obras, ou ele não provaria ter sido um verdadeiro crente. E então ser justificado pelas obras é apenas se provar um verdadeiro crente na diferença de uma falsa fé (que é o ponto principal que Tiago tinha como seu objetivo refutar); e conseqüentemente, registrou (a que Tiago em suas palavras se refere) uma justificação por aquela fé a que se seguiu esse trabalho dela: verso 22-24,

"22 Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou,

23 e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus.

24 Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente."

(Nota do tradutor: Como serão requeridas as evidências do frutos de justiça no dia do Julgamento para a glorificação daqueles que foram salvos por meio da fé em Jesus, então o que disso se infere que é impossível que todo aquele que seja possuidor da verdadeira fé que salva, não tenha frutos de justiça conforme requerido por Deus. Um desses frutos é o do arrependimento, sem o qual, a propósito não é possível que alguém possa crer em Cristo como convém crer. E todo verdadeiro crente possui esse fruto. Muitos outros poderiam ser apresentados para o mesmo mister, mas somente pela evidência deste pode-se concluir que houve de fato a justificação da pessoa que o possui, não por ele propriamente ou por todas as demais obras, mas pela fé que o produziu, e por meio da qual somos justificados.)

CAPÍTULO II

Como o apóstolo Paulo e o apóstolo Tiago são consistentes na conta que eles dão da justificação de Abraão.

Se você perguntar como isso pode ser reconciliado com o que Paulo diz, nos capítulos 3 e 4 de Romanos, onde se diz o contrário, que Abraão foi justificado pela fé sem obras? A resposta (além do que já foi dito) está claramente fora do escopo de ambos os lugares comparados.

Há uma dupla justificação de Deus: a única autorizada, a outra declarativa ou demonstrativa. Embora isso também seja diante de Deus, no entanto, é o que deve ser feito diante de todo o mundo por Deus; e em ordem para isso, aquele é a justificação das pessoas dos homens diante de Deus, como eles aparecem diante dele nus, e têm que lidar somente com ele pelo direito à salvação; e então eles são justificados por fé sem obras, seja pela visão de Deus ou por si mesmas.

Deus nisso realiza um ato da justiça de Cristo, de sua pura prerrogativa; como um rei, quando ele perdoa, ou cria um nobre. E esta parte da distinção que o próprio Paulo coloca, ao declarar sob o exemplo de Abraão; que coram Deo, diante de Deus, nem Abraão, nem qualquer carne será justificada pelas obras: Rom. 4: 2-5,

"2 Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus.

3 Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.

4 Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida.

5 Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça."

Observe, diz ele, "não diante de Deus;" ou seja, não nessa justificação, que é um ato aprovado entre Deus e a própria alma de um homem, e em relação a privadas transações entre ambos.

Mas Deus, no último dia, deve proceder como o juiz de todo o mundo (como Abraão o chama), e como tal, para colocar uma diferença entre homem e homem, e que por causa disso, aqueles eram verdadeiros crentes quando ele os justificou; o outro estava doente, mesmo em seus próprios atos de fé que eles praticaram. E então ele deve mostrar diante de uma diferença entre aqueles a quem ele justificou assim a partir de sua prerrogativa, e aqueles a quem ele deixou sob a ira. Um é para possuir um "Venha, bendito", e o outro rejeitado com um "Vá, seu maldito."

Agora Deus ordenou que ele não coloque a posse de salvação naquele ato privado de sua autoria, sem ter nada mais para mostrar além disso. Ele mostra graça e favor a um homem sem obras, mas ainda assim ele irá demonstrar o trabalho, e a diferença de Abraão crente de Ismael incrédulo e Labão; e isto por obras como os outros não tiveram para mostrar por si mesmos. Ele vai

justificar seus próprios atos de justificação, deste homem e não daquele; e ele justificará a fé daquele que ele justificou (que é de Tiago o escopo principal), ou, se preferir, a própria pessoa, como ela professou a si mesma ter tido fé. E este é tão evidentemente o escopo de Tiago, como o outro é de Paulo. Em uma palavra, a pessoa de Abraão, considerada isoladamente e sozinha, sim, como ímpio, é o objeto da justificação de Paulo sem obras, Rom. 4: 3-5. Mas Abraão, ao se declarar ter uma fé justificadora tão verdadeira e ter sido justificado então, e reivindicando o direito à salvação por ela, Abraão, como tal, deve ser justificado por obras. Agora, que este é o escopo de Tiago é evidente, porque:

1. Está de acordo com a linguagem que ele usa, que importa seu significado pretender, senão uma demonstração externa nesta sua justificação que ele pretendia, verso 18, "Mostra-me tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei minha fé por minhas obras." E verso 22, "Vês tu como a fé operou com suas obras?" Então, ele fala de uma visível, justificação demonstrativa, como as palavras ver e mostrar importam.

2. Este exemplo da justificação de Abraão, diz ele, foi depois que ele tinha oferecido seu filho. Agora, qual foi essa justificação, senão aquele famoso testemunho do próprio Deus, dado a ele então? "Agora sei", diz Deus, Gênesis 22:12, "que temes a Deus", o que não é mais, mas isso: eu tenho agora uma evidência visível e demonstração disto; de modo que antes de eu, por um ato privado meu,

justifiquei a ti ao acreditar, agora posso te reconhecer para todo o mundo, e ter uma evidência a ser dada com base em certos conhecimentos. E este testemunho foi a justificação de Abraão.

3. O versículo 23 também nos diz que ele tinha aquele caráter ou título de honra que lhe foi dado:

1. Que ele foi chamado de amigo de Deus, que é falado em relação a esse ato;

2. Ele é falado, também, como alguém de quem Deus não se envergonha de ser chamado de seu Deus, nem possui-lo como um amigo, pois ele o tivera em uma experiência que justificaria isso.

3. E ainda mais, ele prossegue aqui no que ele disse, verso 12, que devemos ser julgados por nossas obras, e assim fala isso em relação com isso. E veja em que sentido pode-se dizer que um homem é julgado por suas obras no último dia, no mesmo sentido, e que sentido apenas, ele pretende esta sua justificação por obras, e em nenhum outro; pois todos os julgamentos e sentenças devem ter uma justificação ou uma condenação, como a sentença dela no fechamento. então como não há mais perigo de dizer, um homem no último dia será justificado por suas obras, como evidências de seu estado e fé, do que dizer ele será julgado de acordo com isso.

Agora, para ser julgado "de acordo com obras" (quando se fala de um bom homem), pretende-se demonstrativamente, pois são evidências de sua

propriedade. O escopo do apóstolo também é mostrar, pela aprovação de Deus dada a Abraão, sobre a história de oferecer seu filho em vida, o que como aprovação ou justificação que Cristo irá declarar e apresentar a respeito de verdadeiros crentes, quando a história de suas vidas e todo o bem que eles têm feito, ou foi forjado neles, será revelado: "Eu estava nu, e vocês me vestiram;" e assim lhes dá o testemunho de saber que eles tinham feito isso. Como, ao contrário, para aqueles que não consideraram boas obras, ele diz, "Eu não vos conheço", Mat. 7:23. E Davi, falando de permanecer em julgamento, usa a mesma frase, Sal. 1: 5, 6, "O Senhor conhece o caminho dos justos", isto é, justifica e aprova; como naquele discurso Deus fez a Abraão, "Agora eu sei que tu me temes,"

E em relação a este julgamento externo no último dia, nossa frase de salvação é expressamente denominada justificação; e esta mesma coisa é afirmada pelo próprio Cristo: Mat. 12:36, 37, "Eu digo a você, de que toda palavra ociosa que os homens falarem, eles darão uma conta disso no dia do julgamento; pois por tuas palavras tu deverás ser justificado, e por tuas palavras serás condenado." Nem é é dito em qualquer lugar, que Deus julgará os homens de acordo com sua fé somente; nem será um apelo suficiente no último dia dizer, Senhor, tu sabes que eu acreditei e me coloquei à tua graça. Deus vai dizer, eu devo te julgar de modo que todos sejam capazes de julgar minha sentença justa: 1 Cor. 4: 5, "Portanto, mostra-me tua fé por tuas obras;" deixe-me saber

por elas que me temias; pois como eu julguei Abraão, e então dei um testemunho dele, então eu devo fazer o mesmo contigo. E isso Deus fará, para que todos os filhos de Israel, sim, o mundo inteiro possa saber que ele justificou alguém que tinha verdadeira fé de fato.

Então, Paulo está julgando de acordo com as obras, e Tiago a sua justificação por obras, são todas uma e são igualmente consistentes com a justificação de Paulo somente pela fé. Pois na mesma epístola onde ele defende tão fortemente a justificação pela fé sem obras, como Rom. 3, 4, ele no cap. 2 também declara que "a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade;" Ele o faz para o bem: verso 7. Bem como para o mal que ele pronuncia um julgamento contrário: vers. 8, 9, "mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça.

9 Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego."

Agora então, para prosseguir na exposição de Tiago: "Vês como a fé operava com as obras de Abraão." O que importa, primeiro, que sua fé era uma fé operante, que é o ponto principal que Tiago enfatiza.

E em segundo lugar, que suas obras procederam da fé, e então foram aceitas. Assim, em Heb. 11:17, "Pela fé Abraão ofereceu Isaque", diz o apóstolo ali. "E pelas obras a fé foi aperfeiçoada"; isto é,

declarada e manifestada como fé verdadeira e perfeita. portanto é dito que bendizemos a Deus, quando mostramos sua bem-aventurança. E assim, em 2 Coríntios. 12: 9, "o poder de Deus" é dito ser "aperfeiçoado na fraqueza"; não que recebe qualquer perfeição de nós, mas porque se manifesta em sua divindade e perfeição. E esta é a razão da coisa também imposta, pois a causa não é aperfeiçoada pelo efeito, mas é declarado perfeito. As frutas não são perfeitas, ou não tornam a árvore boa, mas mostram a bondade disso. Agora, a fé é a causa das obras; e então a fé dele foi aperfeiçoada por obras, por ser manifestada, mediante prova (como, Heb. 11:17, o apóstolo fala), ser fé perfeita, isto é, verdadeira e fé genuína (pois tão perfeita é tomada por Tiago, capítulo 1:17, "cada dom perfeito "), em distinção da fé que se mostra hipócrita na questão. Assim você diz de um corante verdadeiro, é uma cor perfeita.

Novamente, então, uma coisa é considerada aperfeiçoada, quando atingiu o fim para o qual foi ordenado ou visado. Assim, em 1 João 2: 5, "Quem guarda as suas palavras, nele o amor de Deus está aperfeiçoado." Entende tanto a graça do amor em nós, é aperfeiçoada quando traz as ações e os frutos da obediência a ele foi ordenado para gerar; ou tome isso em respeito ao amor de Deus para nós, a santidade é o fim e o objetivo disso. Recebe seu fim pretendido e realização em um homem que guarda os mandamentos, pois fomos "escolhidos para ser santos diante dele em amor".

Mas prossigamos na exposição das palavras de Tiago. Tiago 2:23, "E foi cumprida a escritura que diz: Abraão creu em Deus, e isso foi imputado a ele como justiça"; isto é, sobre este seu oferecimento de seu filho houve um cumprimento daquilo que anteriormente havia sido falado de Abraão.

(Nota do tradutor: nunca é demais lembrar que Tiago se refere às obras da fé, pois diz que as obras confirmaram a fé de Abraão e Raabe como sendo a genuína fé que salva. Então não há uma consideração da parte de Tiago das obras somente e isoladamente sem a fé, para a justificação, mas sendo a fé uma evidência necessária da mesma. Ora, não se pode esquecer também que as obras que acompanham a fé são obras evangélicas, segundo tudo aquilo em que consiste o evangelho da graça de Jesus, em que não somente a ação na realização da obra é considerada, mas a sua intenção (para glorificar a Deus e por amor e obediência a Ele), e sua procedência (do próprio Deus efetuando em nós tanto o querer quanto o realizar). Isto exclui portanto, como causa meritória perante Ele, de todas aquelas chamadas "boas obras" que não são da fé e nem em e por Jesus Cristo, mas decorrentes das mais variadas motivações e interesses, cuja fonte é geralmente a carne e não o Espírito. Aqui vemos quão enganados estão aqueles que exercem a filantropia com o fim de serem vistos pelos homens ou com o sonho utópico de comprarem um lugar no céu com seus donativos. Jesus esclareceu isto diversas vezes, e o

vemos no caso da oferta dos ricos e no da viúva pobre, e na Sua repreensão dirigida aos escribas e fariseus hipócritas que eram dados a esta prática da falsa generosidade e para interesses próprios, e não por terem sido movidos pelo amor espiritual de Deus neles.)

1. Primeiro, vamos considerar a coisa.

2. A frase cumprida.

1. Vamos considerar a coisa em outras passagens do Novo Testamento, onde é dito que uma escritura é cumprida, quando é feita pela primeira vez ou realizada, com referência a alguma escritura ou profecia gravada e escrita muito antes de a coisa ser realizada. Agora não pode ser o que Tiago quis dizer aqui, para Moisés seus livros (e assim este Livro do Gênesis) foram escritos após, tanto esta imputação de justiça por Deus, e aquela oferta de Isaque por Abraão.

A intenção deste dizer, então, deve repousar sobre isso, que o que é registrado nas Escrituras, como dito muito antes da fé de Abraão, foi posteriormente cumprido e demonstrado, embora ambas as passagens tivessem sido escritas ao mesmo tempo pela mão de Moisés, muito tempo depois do fato ocorrido.

Agora é evidente pela história, que cerca de trinta anos antes de Abraão oferecer seu filho, Deus tinha (como a Escritura registra) imputado justiça a ele ao crer, Gênesis 15: 6. Sim, e após um ato nu de crer que Deus imputou justiça a ele. Mas então, como foi dito, Deus que justificou Abraão como

seu eleito deu-lhe tal fé; e tal ato de fé foi então realizado por Abraão, como Deus, para usar as palavras ditas de Cristo, sabendo por intuição e previsão do tipo (ele também pela eleição havia dado a ele tal fé) para ser verdadeiro e genuíno, justificou-o sobre isto; sendo a fé que ele pretendia seguir com todas essas boas obras, aquilo que Abraão posteriormente, pela fé, operou; e na verdade, a fé de Abraão depois de tantos anos trouxe aqueles muitos atos de obediência, Heb. 11:17. (Nota do tradutor: Tiago 2.21: "Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?" Observe que Tiago afirma a justificação de Abraão por Deus ao ato de ter oferecido Isaque. Mas como vimos que ele foi justificado 30 anos antes por Deus quando creu na promessa que sua descendência seria numerosa como as estrelas do céu, quando Isaque sequer ainda havia nascido, então a justificação a que Tiago se refere não é à que Paulo se refere em Romanos 3 e 4, que é alusiva ao ato declarativo ou imputativo da parte de Deus ao que nEle crê no momento mesmo da sua conversão, o qual é acompanhado pela regeneração. Como Tiago associa a justificação a um ato ocorrido após a esta justificação declarativa, então, a justificação à qual ele reporta é aquela relativa ao julgamento da qualidade da fé que se possui, pela sua atestação pelas obras que se seguem a ela, conforme foi o caso com Abraão que o comprovou pelo fato de que por temor e amor a Deus, se dispôs a sacrificar o próprio filho em cumprimento à ordenança que Ele lhe havia dado.

A sua fé foi provada e aprovada, conforme dizer do próprio Tiago diz em outra passagem de sua epístola: "Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam." (Tg 1.12). Observe que ele está vinculando a aprovação da fé nas provações que se recebe da parte de Deus, ao recebimento da coroa da vida prometida pelo Senhor para os aprovados no porvir. A mesma glória a que o próprio Jesus e todos os apóstolos se referem como sendo a consequência da santificação deles, e daí ser dito que sem santificação ninguém verá o Senhor, sobretudo na Sua volta em glória, porque ela é o pressuposto básico para que seja visto. Não se diz sem justificação ninguém verá o Senhor, mas sem santificação, porque não poderia haver glorificação de não santificados. Que glória seria dada a ímpios ou a não regenerados? Que glória seria dada a carnis e mundanos que fossem achados em tal condição no dia do Senhor, e não se dispusessem a mudá-la para um estado santificado? A parábola das 10 virgens bem ilustram este ponto. E são diversas as advertências nas Escrituras para que vivamos de modo digno da nossa vocação, a saber, a de sermos glorificados no porvir, e para que assim possamos estar de pé como convém no Dia do Senhor.)

Houve uma evidente demonstração de fazer o bem, cumprir ou justificar o que Deus tinha feito,

e dessa fé ele o justificou então, claramente mostrando que Deus o justifica sobre isso, embora um único ato de fé, mas manteve essa regra eterna de justificar qualquer, que tal fé deve ser operadora de santidade. Isto Abraão, na sequência, cumpriu e corrigiu, e Deus previu que ele seria. E é observável que no cap. 15 de Gênesis Deus transmitiu a promessa absolutamente a Abraão primeiro, e então ele colocou adiante aquele ato de fé em relação a ele. A promessa foi uma declaração do conselho imediato de Deus para com ele, não baseado em qualquer trabalho precedente, portanto, nem fé, mas proferido por ele pela fé para receber: verso 1, "Depois destes acontecimentos, veio a palavra do SENHOR a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande.". E versos 5, 6, "Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade. Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça."

Portanto, Paulo argumenta que Deus o justificou, considerando-o como pessoa ímpia, nem nisso respeitando a suas obras nem a sua fé, como aquilo pelo qual foi justificado. Agora então, sobre aquele ato eminente de obediência, na oferta de seu filho (que está registrada em Gênesis 22), Deus renova a mesma promessa, confirmando-a com um juramento; Eu digo, ele renova a mesma promessa de substância dada antes: verso 16, 17, "e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o SENHOR, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu

único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos,". Agora, o cumprimento aqui está em parte interpretada pela palavra que o apóstolo usa deste mesmo discurso em Heb. 6:17, que era uma "confirmação de uma promessa anteriormente feita por um juramento", referindo-se à declaração de si mesmo, Gn 22, como pelo Versículos 13 e 14 aparecem, "Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente, te abençoarei e te multiplicarei." Então, como esta renovação da promessa foi apenas mais uma confirmação do que era certo antes da parte de Deus ali, então aqui em Tiago, este cumprimento foi apenas uma verificação, ou demonstração, ou exibição da parte de Abraão, que sua fé com a qual Deus o justificou era verdadeira e real, perfeita fé, tal como Deus professou apenas para justificar os homens. E como a primeira promessa dada, Gen. 15, foi suficiente para nos garantir, e a adição desse juramento não a tornou mais verdadeira ou completa verdade do que era antes, apenas ex abundanti foi adicionado para confirmação, então a justificação de Abraão sobre aquele simples ato de acreditar era tão pleno e completo na própria coisa, como era agora sobre a oferta de seu filho; só então uma nova ratificação foi feita para sua fé. E assim o ditado foi cumprido, e a fé de Abraão (sobre a qual foi proferida pela primeira vez) justificada e declarada verdadeira, ou seja, por

aquele testemunho de Deus então dado, "Agora eu sei que me temes."

2. E, em segundo lugar, a frase o carrega bem; pois neste sentido uma coisa é dita ser cumprida nas Escrituras quando declarada e ratificada por algum sinal eminente disso. Atos 13:32, 33, quando Pedro trouxe aos judeus notícias de que eles deveriam ter o próprio Filho de Deus como seu Messias (para o que ele cita Sl. 2, "Tu és meu Filho, hoje eu te gerei"), diz ele, "Deus cumpriu o mesmo para nós, em que ele ressuscitou Cristo dos mortos." Agora Jesus Cristo não foi feito mais Filho de Deus por sua ressurreição do que era antes; como é dito então por sua ressurreição para ser cumprido? Paulo resolveu isto para nós em Rom. 1: 4, "Ele foi declarado Filho de Deus pela ressurreição dos mortos." É ele que era o Filho de Deus por geração eterna, e não havia nenhum outro filho de Deus, e de quem foi dito nas Escrituras: "Hoje te gerei." Esta escritura é considerada cumprida, quando isso é manifestamente feito e demonstrado. E isso é apenas o mesmo que Deus faz todos os dias, quando por ocasião de algum ato eminente de si mesmo por negação ou sofrimento, ele renova a certeza de seu amor, e da justificação daqueles que antes creram, como João 14:21.

Agora então, essa justificação, que na realidade, e para a coisa em si, foi tão completa sobre um simples ato de acreditar como sempre será por toda a eternidade (e as próprias palavras importam, naqueles trinta anos antes de Abraão

ter oferecido seu filho, a justiça foi imputada a ele por acreditar), ainda é dito estar cumprido, quando demonstrativamente apresentado. E como a ressurreição do Filho de Deus nada acrescentou à sua filiação que fosse essencial para isso, então nem esta justificação de Abraão pelas obras, Tiago 2:21, adiciona qualquer coisa à real imputação de Deus da justiça de Cristo, mas foi o sinal disto.

Então, vamos conceber corretamente os procedimentos de Deus aqui. Diz Deus de um homem que agora começa a fazer um ato de fé nu, eu justifiquei aqui este homem, e eu o justificarei para sempre, e eu irei nunca me lembrar disso. Mas um coração carnal pode objetar, Deus de antemão assim, precipitadamente dá uma justificação eterna do homem? Ele não vai ficar até que ele veja as obras surgindo dela? Não, diz Deus, eu vou aventurar para fazer isso agora; para quando pretendo justificar de acordo com o meu decreto de eleição, dou-lhe fé, a fé dos meus eleitos; e eu vejo (pois ele vê todos os nossos pensamentos e desejos de longe) esta fé com que eu justifico este homem agora, este único ato de crer para a justificação, será tão genuína, tão verdadeira e não fingida fé, e da espécie certa, que vou aventurá-la, ou melhor, empreender por ela, que no curso futuro da vida deste homem que trará em seu coração e atos de vida, disposições adequadas, o que deve justificar esta minha justificação deste homem; o que quando acontecer, então da sentença de justificação de Deus é dito ser cumprida.

Quando um homem acredita pela primeira vez em uma palavra de Deus, Deus justifica esse simples ato de crer; e como ele confia em Deus, então Deus confia em sua fé, ou melhor, se compromete por ela, e pronuncia tal sentença sobre ele de justificação como ele jurou (como fez a Abraão). E ainda o caso é tal, como se no curso futuro de sua vida aquele homem não andasse assim como, por obras e disposições de santidade que acompanham essa fé, para dar uma demonstração de ser um verdadeiro crente, Deus no último dia deve recordar essa sentença, como pronunciada sobre um morto e ato vazio de fé. Quando, portanto, em seu curso futuro ele caminha apropriadamente, diz-se que ele cumpre ou faz bom aquele primeiro ato de Deus; porque ele dá provas e demonstrações suficientes de que tinha, e tem aquele tipo de fé sobre a qual somente Deus com certeza justificará um homem, a saber, uma fé ativa que é viva. E nesse sentido é que Tiago aqui deve ser entendido: "e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus." (tg 2.23).

(Nota do tradutor: Nunca e jamais Deus justificará alguém que não seja eleito, conhecido de antemão por Ele, e do qual saiba antecipadamente ser um vaso de misericórdia, e não de ira, como foi o caso de Esaú, que ainda no ventre de sua mãe, foi declarado dele ter sido rejeitado por Deus. Então nunca sucederá o caso de Deus ter

justificado a alguém e do que viesse a se arrepender depois em razão da apostasia do suposto justificado. Por isso a fé verdadeira é um dom Deus que é concedido somente àqueles aos quais Ele atrai a Jesus para crerem nEle com esta fé salvífica que lhes é concedida. E esta fé sempre será seguida por obras, gerando amor a Deus e aos irmãos na fé, mudando o coração de pedra em coração de carne, realizando a progressiva renovação da mente e a disposição para observar e cumprir os mandamentos de Deus voluntariamente, por amor a Ele e para a Sua glória.

"29 Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

30 E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou." (Romanos 8.29,30).

CAPÍTULO III

Abraão chamou o amigo de Deus, após a realização desse ato de obediência em oferecer seu filho.

Isso que é dito de Abraão é dito dele como o pai e modelo de todos os crentes. A verdadeira fé opera no coração as disposições amigáveis para com Deus.

O apóstolo Tiago acrescenta: "E ele foi chamado de Amigo de Deus."

1. Alguma discussão há onde no Antigo Testamento se encontra esse ditado.

Alguns pensam que não é expressado em palavras em nenhum lugar e, portanto, deve ser obtido de tais passagens registradas entre Abraão e Deus, como argumentou que o possuía para seu amigo, como aquela promessa Gen. 12: 4, "Eu abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem." E ser amigo de um amigo e inimigo de todos inimigos, é a liga mais estrita de amizade que pode haver. Também aquelas conferências e colóquios familiares concedidos a Abraão o argumentam. Deus, na realidade, o usou como um amigo, e assim o chamou de fato ele assim. Mas, além disso, há dois testemunhos evidentes de Deus em termos expressos dando este título a Abraão: 2 Cron 20: 7, Isa. 41: 8, "A semente de Abraão, meu amigo." E esta menção honrosa dele, em comparação com aquelas transações reais de amizade, coloca tudo fora de questão quanto à autenticidade desta citação.

2. Para o escopo e pertinência de Tiago nesta citação para o propósito que ele tinha em mãos, deve-se considerar,

(1.) Que ele se junta, você vê, dois testemunhos, extraídos de várias escrituras, relativas à mesma pessoa, Abraão, cuja instância ele teve antes de fazer adiante suas afirmações a partir dele - uma em sua história no Gênesis, a outra no livro de Crônicas e no profeta. E assim ele iria provar e mostrar que que ele pretendia, que nele a justificação, ou fé justificadora, e a santificação, ou obras responsáveis, atendeu; sim, e isso de sua fé pela qual ele foi justificado, fluiu verdadeira santidade e amor para Deus. Então, a partir de sua instância, que é nosso padrão, ele argumenta que onde Deus imputa justiça pela crença, a pessoa é feita tal no coração e na vida, como Deus pode aprová-lo como um verdadeiro e real amigo. "Abraão creu, e isso foi imputado a ele por justiça." E Tiago diz:

"Ele foi chamado de amigo de Deus", isto é, aprovado por Deus como tal; e ele realmente era assim, pois Deus chama as coisas como são. Agora um amigo de Deus, na interpretação de Tiago, importa tal interior disposição de coração, e tal comportamento e conduta na vida para com Deus, como um verdadeiro amigo leva a um amigo; e então está definido para expressar a santificação em sua distinção da fé, e como inseparável da fé.

(2.) Ele menciona pertinentemente este título de Abraão ser amigo de Deus, dado a ele mais

especialmente naquele ato de oferecer seu filho. Um amigo, sabemos, é conhecido em julgamento. Agora Deus o provou na coisa mais querida que ele tinha, ao exigir que ele mesmo deveria sacrificar seu próprio filho, que Deus tomou tão gentilmente de suas mãos, como sempre após a menção dele o chamar de amigo, por ter sido um ato tão alto de pura amizade para com ele.

(3.) O apóstolo alega pertinentemente sobre este discurso de verdadeira fé, para mostrar que coisa poderosa é, e onde está. Você veja como isto operou no coração de Abraão; emoldurou e mudou o coração dele em amizade com Deus. Abraão creu em Deus, e ele foi chamado de amigo de Deus. Você vê então que fé ele tinha.

(4.) E, por último, ele realmente interpreta o que Tiago quis dizer com Abraão ser justificado por obras; não a imputação de justiça, mas a chamar e possuir um homem como amigo de Deus. E no mesmo sentido que Deus chamou Abraão de amigo, naquele ato de oferecer seu filho, no mesmo sentido, ele é considerado justificado pelas obras no versículo anterior. Você costuma dizer que tal pessoa é um amigo aprovado; tal como Abraão demonstrou ser; e Deus o possuiu, e o intitulou assim para sempre, o que é uma coisa claramente distinta de qualquer interpretação de justiça de Paulo ou Tiago, e a justificação do ímpio.

Tenho apenas isso a acrescentar no fechamento, com o qual comecei na abertura esta difícil escritura, que tudo isso é falado de Abraão, não

como uma pessoa extraordinária, mas como um padrão e pai para todos os crentes.

Pois,

1. senão Tiago está alegando que sua instância não voltou para casa, para seu escopo, para mostrar que todos os professantes devem ter essa fé e santificação que Abraão teve. E, portanto,

2. no verso 21, quando ele começa a alegar isso, ele diz, "Abraão não era nosso pai" assim e assim? E, portanto, nós que nos professamos filhos de Deus e filhos de Abraão, devemos ser aqui semelhantes e conformar-se a ele. Sim,

3. é observável que nos lugares aos quais ele se refere, que Abraão foi chamado de amigo de Deus, ainda se fala dele em relação conosco como sua semente e filhos. Você tem isso em dois lugares, Isa. 41: 8, 2 Crôn 20: 7, e em ambos funciona assim, "A semente de Abraão meu amigo." É dado a ele quando sua semente é mencionada, e implica que eles são dele, porque todos eles devem ser amigos de Deus assim como ele.

Então, para concluir; olhe como aquela glória, aquele céu que todos nós esperamos, e que é o receptáculo comum de todos os crentes, é denominado neste mesmo aspecto "o seio de Abraão", Lucas 15 – e diz-se que nos sentamos com Abraão, etc., porque ele e nós iremos para o mesmo lugar comum - para que o mesmo tipo de fé, o mesmo efeito e fruto da fé, santificação e

amizade para com Deus, deve ser operado em nós aqui, se formos salvos como Abraão.

Agora, a amizade sendo colocada aqui para expressar a conduta adequada de Abraão para com Deus, nas ações de seu coração e vida depois de crer, as deduções daí são duas, e elas são adequadas ao seu escopo.

1. Que a verdadeira fé, onde quer que esteja, opera e molda o coração para disposições amigáveis para com Deus, e traz à tona disposições amigáveis e transporte na vida para Deus. O versículo 23 afirma, "E a escritura foi cumprida, a qual diz: Abraão creu em Deus e isso foi imputado a ele como justiça: e ele foi chamado de Amigo de Deus. " Este é o fluxo de seu texto que o acompanha.

Tiago, seu escopo não é apenas mostrar aquilo a quem Deus justifica, ele os reconcilia consigo mesmo, ou trabalha em seus corações disposições amigáveis para com ele; mas isso é um amigo em sua conduta, isto é, obediência sincera, é assim significada, e flui daí, e o acompanha em seus corações e vidas. E para este fim e escopo é que isso é citado no Antigo Testamento, e repetidamente repetido; de modo que, no entanto a reconciliação em outros lugares, principalmente importa a obra de Deus sobre nós primeiro na alteração de nossos estados, mas Abraão é um amigo adequado e principalmente se relaciona com a obediência e um comportamento adequado à amizade, como testemunha esse trabalho e alteração.

2. Outra inferência é que a fé de todo homem, seja ela verdadeira ou aparente, deve e ter esta prova, se ela trouxe santidade de coração e vida; e todo homem deve ser justificado declarativamente, e diferenciado de todos os homens que serão malditos.

Vou insistir agora na primeira dessas inferências, para mostrar o quão verdadeiramente a fé justificadora opera esse temperamento amigável com Deus, que é o escopo do apóstolo aqui. Vou lhe dar uma ou duas razões para isso.

(1.) Da operosidade da fé, se for verdadeira e genuína, isto é, adequada e responsável perante o objeto que apreende; para em uma adequação ali porque nisto a verdade, a genuinidade da fé consiste.

Pois qual é realmente o objetivo da fé? Quando se trata de Deus e Cristo, acreditando nele, o que seria? O que é que isso procura de Deus? E o que teria em suas mãos? A mente e a intenção e o alcance da minha fé, quando começo a acreditar, é ter Deus por um amor infinito (o mesmo pelo qual deu seu Filho para morrer, e que ainda iria movê-lo a dar-lhe se ele não tivesse feito), por tal amor para me perdoar todos os meus pecados, e para justificar-me, e para se tornar um Pai eterno e amigo para mim, e para amar-me com aquele amor com o qual ele ama seu Filho, e com esse amor conceda todas as coisas para mim. Se você perguntar a seu coração, e sua fé poderia senão dizer a você qual é o significado disso (como a escritura, Rom. 8, fala do Espírito em oração), qual

é a sua missão, qual é o seu negócio com Deus, quando se lança sobre Deus em Cristo para a salvação, você descobrirá que o alcance mais profundo dele foi falado no que foi dito; e que isso teria de Deus, ou nunca está quieto. Agora então, se esta fé for genuína e verdadeira, honesta e não fingida (como Cristo na parábola, e o apóstolo fala disso), e assim responde ao seu próprio objetivo, se tiver alguma verdade, honestidade, justiça, equidade ou realidade nisso, como é possível que chegue a Deus por um amor tão grande dele, um fruto tão grande e efeito de uma amizade tão completa da parte de Deus; mas deve trabalhar o coração a um correspondente quadro responsável em alguma sinceridade para com Deus de novo por nossa parte?

A fé que nos justifica é chamada de "fé ativa" (verso 22), e certamente se funcionar alguma coisa, deve funcionar uma disposição adequada a Deus, tal como espera de Deus para consigo mesma. Então é evidente do exemplo de Abraão aqui; veja o que sua fé esperava ter de Deus, operou de uma forma de engenhosidade semelhante em seu coração até Deus. Abraão, quando ele creu para a justiça, foi fundado na promessa que Deus tinha feito de seu próprio Filho, seu único Filho, "em quem" Deus disse a Abraão, "ele e todas as nações seriam abençoadas." Agora, Abraão acredita ter o Filho de Deus dado a ele e para ele? (Pois "Abraão viu o seu dia e se alegrou", Abraão sendo um profeta, Gn 20: 7, e o pai dos fiéis, a quem a primeira promessa de Cristo, a semente abençoada, foi feita.) Ele deve

então ser entendido como tendo o mesmo temperamento que Davi tinha, de quem é dito, Atos 2:30, "sendo profeta, e sabendo que Deus tinha jurado que de seus lombos, de acordo com a carne, ele ressuscitaria a Cristo: ele, vendo isso antes, falou da ressurreição de Cristo." Então, Abraão, eu digo, deve necessariamente ter entendido, pela mesma conta, conhecer e apreender a Cristo e sua oferta, e ressurreição representada em seu filho, que é expressamente afirmado: Rom. 4 e Heb. 11: 17-19, "Por fé Abraão, quando foi provado, ofereceu Isaque: e aquele que tinha recebido as promessas ofereceu a seu filho unigênito, de quem foi dito: Que em Isaque será chamada a tua descendência: confiando que Deus seria capaz de ressuscitá-lo, mesmo dentre os mortos; de onde também ele o recobrou em uma figura." E Abraão, considerando essas coisas, disse consigo mesmo: Por que então Deus terá meu filho, agora ele chama ele, meu único filho, ou o que quer que seja caro para mim. "Não vês então, como a fé operou com suas obras, quando ele ofereceu seu filho Isaque no altar? Se sua fé quisesse que Deus fosse um grande amigo para ele, como Deus naquela promessa havia declarado ser, então a fé molda seu coração para ser um amigo de Deus. "Ele acreditava", isto é, que agora foi discutido, "e foi imputado a ele por justiça: e ele foi chamado de Amigo de Deus;" isto é, este efeito a fé que o justificou operou nele.

E se a fé for verdadeira, se a fé for fiel, se for honesta (como o próprio Cristo fala, ele chama o coração, pelo qual a promessa é recebida de

forma salvadora, "um coração honesto", na parábola do semeador), se é um princípio de humanidade, e lidar com Deus, senão de acordo com os princípios dos homens, como um homem, um homem pecador, lida com o homem, deve precisar trabalhar neste quadro. Pois isso é feito por Cristo (Mat. 5:46) um princípio comum de humanidade, "amar novamente aqueles que nos amam".

E Salomão fala o mesmo, que "aquele que tem amigos deve mostrar a si mesmo amigável," Prov. 18:24. Agora, a fé é um princípio superior à humanidade; é um princípio divino da operação de Deus (Colossenses 2:12), e, portanto, precisa, pelo mesmo poder de Deus, que do primeiro ao último acompanha, enquadrar o coração em que está assentado nesta engenhosidade de amizade com Deus. E está sentado em todo coração, como a Escritura nos diz, Rom. 10. E que a fé atua nesta maneira de devolver a Deus o que recebe de Deus, aquele lugar da mesma forma sustenta, 2 Cor. 5:14, 15, "O amor de Cristo nos constrange; porque assim julgamos, que se um morreu por todos, e que quando todos estavam mortos, para que pudessem viver; que então eles não deveriam viver para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou novamente." Isso a lei do patrimônio comum exige, para viver para aquele que deveria ter dado sua vida a nós, especialmente por sua própria morte; e isto (se você observar) é colocado sobre esta razão, "porque nós, assim, julgamos, "cujo julgamento é o produto deste princípio e ato de fé, que tanto

acredita nessas coisas como de Deus para nós, e, além disso, tem nela uma equidade, uma engenhosidade para fazer o mesmo retorna para Deus; e, portanto, deve nos restringir, quando nós assim, em julgamento sério.

E isso se aplica à fé de dependência, bem como à fé de segurança (se for genuína), pois mesmo a fé da dependência espera esta grande amizade das mãos de Deus, deseja, espera por ela e não fica quieta sem ela. Certamente porque assim julga e espera e deseja isso, ela precisa moldar o coração de forma semelhante novamente.

E este é o primeiro motivo.

(2.) A segunda razão é do que foi notado, que ser certo de que Deus não aceita nenhuma outra fé, senão tal como é aquela que trará santidade e obras por amor; nem ele justifica sobre qualquer outra, sendo esta a fé dos eleitos de Deus. Onde a eleição dele concede justificação, ali e então, e neles, ele trabalha esse tipo de fé. Que existe tal distinção de fé, Tiago continua; e Deus, a quem todas as suas obras são conhecidas desde o começo, sabe onde ele opera tais atos genuínos de fé, e onde há uma raiz que produzirá de acordo com sua bondosa santidade de coração e vida, e que atua por amor. Deus conhece de antemão a quem ele justifica, e conhece as coisas em suas causas e as propriedades das causas. Almas de todos os tipos vêm com sua fé para ele, e igualmente se lançam sobre ele e sua graça. E ele sabe o que está no homem, mesmo seus pensamentos distantes; e como um habilidoso

fitoterapeuta conhece as diferentes raízes das ervas e frutos antes de terem sido gerados, então Deus sabe de que tipo é essa fé por meio do qual os homens vêm a ele, e assim nunca erra ao conceder sua justificação sobre uma fé doentia, que não ama e o acompanha. Deus não justifica nenhum homem precipitadamente, ou sem consideração, como se depois ele visse uma alma se retirando, e não respondesse com a sua fé em obras e obediência, ele deve então chamar de volta para Si. Não; ele garante o trabalho, e quem ele conheceu ou escolheu para a fé, neles ele opera a verdadeira fé, e neles somente; e a eles ele os justifica por acreditarem. Do justo é dito ter sua fé, que lhe é própria, em distinção daquela fé daqueles que se retiraram, Heb. 10 em comparação com o do profeta, Hab. 2: 4, " Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé." (o soberbo, embora ele pareça acreditar),"sua alma não é reta nele;" isto é, sua fé não é sã e do tipo certo. "Nós não somos daqueles que se retiram, mas dos que acreditam para a salvação da alma;" nós somos do número daqueles que assim acreditam, para ser infalivelmente salvos; é falado como forma de distinção de sua fé, para o outro que acredita também, como a oposição implica. Então, como se muitos viessem para Deus, e praticar atos de fé, ainda que sua fé não seja espiritual, nem genuína, Deus não justifica sobre isso; pois ele não lhes deu uma fé para a salvação da alma. Ele sabe que tipo de fé é, não concede essa graça de justificação sobre ele. Posso dizer disso, como de Cristo é dito, João 2:24, sobre seu semelhante discernir de antemão, a

ineficácia e insanidade de sua fé, "Muitos acreditaram nele, mas Jesus não se confiou a eles, porque conhecia todos eles." Então Deus faz neste caso.

(3.) Uma terceira razão é, o objetivo de Deus em nos salvar pela fé, era o de não perder por nós um pouco daquele amor e santidade que ele espera de nós; mas sim ele escolheu a fé, porque enquanto ela deu tudo para a graça livre, e seu amor infinito, pode ao mesmo tempo refletir e transportar todo esse amor para baixo ao coração novamente, e derramá-lo na alma, e assim causar amor a Deus para brotar com aumento e avanço redobrados. Ele não escolheu o amor imediatamente, não porque não o considerou, mas porque se não tivesse surgido da fé, como primeiro apreendeu seu amor, teria se gabado, pois havia retornado algo de si mesmo a Deus. Mas embora a fé seja o receptor de tudo de Deus e, portanto, o obreiro do amor em nós, por conta disso o amor livre de Deus é ao mesmo tempo exaltado e magnificado, e nossos corações vivificados e inflamados de amor por ele novamente.

CAPÍTULO IV

Uma exortação à amizade com Deus, a partir das considerações de quão grande, excelente e bom amigo ele tem sido desde a eternidade e para sempre, para nós.

Minha exortação agora será para aqueles que estão reconciliados, e tornam-se (em relação aos seus estados) amigos de Deus já. Entendam sua alta vocação, irmãos; você tem a honra de ser chamado, como Abraão era, de amigo de Deus. Você entrou em um pacto de amizade com Deus, faça algo disso; e de fato é o alcance mesmo daquele lugar também, 2 Coríntios. 5, "Reconciliai-vos com Deus." Porque ele fala aos coríntios que já acreditavam e eram convertidos e reconciliados: mas seja você, mesmo você, reconciliado mais, porque você precisa dele, e na melhor das hipóteses sua amizade é imperfeita; e como você "conhece, senão em parte", então você ama, mas em parte. Como Cristo diz a seus discípulos: "A menos que sejais convertidos", Mat. 18: 3, então digo eu, "A menos que sejais reconciliados", isto é, exceto você mais e mais renove seus pactos com Deus, "você não pode ser salvo": E, além disso, você faz muitas brechas com Deus; e embora a aliança por meio de sua graça e bondade, não obstante, ainda assim você precisa fazer essas alianças novamente. *Amantium ira amoris redintegratio est*, e reconciliação é apenas a renovação do amor.

Considere que aqueles que são inimigos perfeitos e rebeldes a Deus, enquanto eles estão nessa

propriedade, faça apenas a sua espécie; mas você sabe o que é ofender a Deus, e como isso entristece, seu Espírito.

Coloquem isso em seus corações, quão cruel pareça quando ele tira qualquer pecado de vocês.

Você sentiu em parte o que custou a ele reconciliá-lo e provei o quão bom o Senhor é, e você tem um princípio de amor em você que precisa apenas de agitação. Considere o que Salomão diz, Prov. 18:24, "Um homem que tem amigos deve mostrar-se amigável; e há um amigo que fica mais perto do que um irmão." É a lei de amizade, você vê, para responder com amizade novamente, *mutuis officiis vivitur*.

E, além disso, a doçura que é encontrada na amizade recíproca, mantida leal e sagradamente, deve mover você.

Deus encontrará um doce sabor em você, e você novamente terá prazer na comunhão com ele. A amizade é o mais doce, e de todos os confortos é o maior; portanto Salomão, embora fosse um rei, e tinha a soma de todas as delícias, mas ele teria uma, em uma maneira especial de ser seu amigo, 1 Reis 4: 5. E Deus, embora ele não precise de conforto nem de felicidade para ser adicionado a ele, você teria amigos para se deleitar, e nisso deveria se deleitar nele. Foi isso que comoveu-o, e portanto que o conforto do seu amor e o seu não seja muito disso perdido ou prejudicado, e se rebaixem como amigos. Isto é o próprio argumento de Cristo em seu último sermão aos

discípulos, no qual ele os trata, e os admira por seu sagrado nome de amigos, João 15: 13-15; e entre outros argumentos ele usa isso exortando-os à obediência: "Assim a minha alegria estará em vocês, e a sua alegria será plena," versículos 10, 11. Haverá mútua e recíproca alegria e prazer nas relações dela. Você vai aumentar a alegria de Cristo, cuja alegria ainda está completa; e para ter certeza de que a sua, que é imperfeita, seja completada por ele. Como costumamos dizer, se as pessoas não pretendem amar, que eles nunca se casem; então, se os homens não se põem a andar com Deus, que renunciem a esta doce e obrigada relação de ser amigos para ele. Especialmente isso deve ser feito, se um homem encontrar alguém que seja um amigo de verdade; assim diz Salomão naquele lugar, "Há um amigo que está mais perto do que um irmão," isso fará mais por ti do que aquele que vem dos mesmos lombos. E, portanto, Moisés, Deut. 13: 6, parece preferir o amor de alguns amigos ao de algumas esposas. "Se teu irmão, filho de tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu amor, ou teu amigo que amas como à tua alma te incitar em segredo, " Agora, para tal amigo, se você se encontrar com ele (diz Salomão), "mostre-se amigável." E verdadeiramente como a fé, a amizade é rara na terra. É difícil encontrar uma boa peça assim como fazer um amigo. Eu tenho duas coisas, portanto, que irão compor a medida desta minha exortação completa.

1. Que amigo Deus é, tem sido e sempre será com você; e,

2. Em que você deve expressar amizade novamente para ele. Você encontra os dois naquela exortação de Cristo, que amigo ele era, João 15:13, "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos." E a partir daí ele pressiona isso a eles, "Se sois meus amigos, faça o que eu vos mando."

(1.) Considere, primeiro, que Deus tem sido seu antigo amigo, mesmo desde a eternidade. Quanto mais antigos amigos são, mais devemos valorizá-los. Temos estima por um velho servo, mas principalmente por um velho amigo.

Portanto, diz Salomão, "não abandone teu próprio amigo e amigo de teu pai.", Prov. 27:10. Ou seja, não deixe aquele que foi um velho amigo para ti, e tua família antes de ti. Agora Deus foi teu Amigo e Pai desde a eternidade, portanto, não o abandones; ele te amou desde que amou a si mesmo. Agora se alguém tivesse amado outro desde que ele mesmo existia, como isso o tornaria querido! Deus fez isso.

(2.) Ele é um amigo que nunca teve seus pensamentos longe de nós. Não há um momento em que ele não nos amou, e teve seus pensamentos sobre nós. Outros amigos às vezes pensam e falam de você, mas nem sempre; "Mas Deus não retira seus olhos do justo," Jó 36: 7; e Cant. 8: 6. Diz-se que somos "colocados como um selo sobre sua mão", de modo que ele continuamente olha para nós. É uma alusão para esse tipo, Êxodo 28, em que Israel é gravado, primeiro, em duas pedras colocadas sobre os

ombros e braços do sumo sacerdote (Cristo), verso 11, 12, então em um peitoral, ou (como é interpretado lá) sobre seu coração, verso 29. Sobre seus braços, para mostrar que seu poder está engajado; em seu coração, para mostrar que seu amor existe; e colocado visivelmente em ambos para um memorial: Isa. 49:15, 16, "Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante mim." Jerusalém, o tipo de seus eleitos, suas paredes estão continuamente diante dele. E do mesmo tipo, Deut. 11:12, eles são denominados uma terra (para seleção de pessoas) "que o Senhor teu Deus cuida. Os olhos ou o Senhor teu Deus estão sempre sobre ela."

Portanto Davi também diz: "Quantos são os teus pensamentos para conosco! Eles não podem ser numerados." Se um rei lança apenas um olhar sobre um homem, e pensa em seus negócios, ele considera isso um grande favor.

O que significa então para o grande Deus nunca ter tirado os olhos de ti para te fazer bem? E pensem com vocês mesmos, quais e quantos anos têm seus pensamentos em relação a ele? Eles são apenas de ontem. Sua amizade começou outro dia, mas a dele vem da eternidade.

(3.) Como é desde a eternidade, assim até a eternidade. Aquele é chamado "nos escolheu

desde o início", Ef. 1: 4. O outro é chamado de amor a nós até o fim: "A quem amou, amou até o fim," João 13: 1. Para um casal que estava casado há vinte anos e em amor, quão grande maravilha é entre os filhos dos homens, especialmente quando muitas maldades já passaram!

(4.) No primeiro momento, ele assumiu tanto amor quanto desde então teve, ou pode se manifestar para a eternidade. Isso é alto, irmãos, se vocês considerarem isso. Deus não ama como homem, pois não é como homem que se arrepende de seu amor; não como o homem que começa a amar um pouco, que tem uma atração no início, uma afeição que desperta, e tendo seu coração inclinado, é voltado para fazer o que a princípio ele pretendia não fazer. Não; mas toda a graça e favor que com o tempo nos é concedido, foi-nos dado em semente desde a eternidade, e tudo para a eternidade é a manifestação dele: 2 Tim. 1: 9, 10, "que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho," E então essa imortalidade serve apenas para manifestar, ou trazer à luz a graça que foi dada no início, ou (como é 1 Coríntios 2: 9), "que foi então preparado para aqueles que o amam." Então, como tudo o que foi feito desde então, é apenas uma demonstração que o amor preparou para entretê-

lo, e é estabelecido com novas invenções e estudos de maneiras de levar seus corações. E, portanto, o próprio Cristo que dá é denominado o "louvor", isto é, o estabelecimento de seu amor, Rom. 5: 8. E João diz em termos mais claros: "Nisto estava o amor de Deus manifesto," 1 João 4: 7, 8. O amor em sólido, em ouro, era tudo (toda a massa) em seu coração antes. E tudo o que ele faz para a eternidade é senão a vinda dele, carimbando esta ou aquela misericórdia particular, e assim destinando para nós: Sl. 138: 8, "A misericórdia do Senhor é para sempre. O Senhor aperfeiçoará o que me diz respeito." A conexão daquelas palavras é esta, que Deus tinha previamente estabelecido para si mesmo o que faria por ele, sua misericórdia que era para sempre foi apenas um aperfeiçoamento, um esclarecimento que a felicidade que o amor concebeu a ideia, e aquela perfeição desde a eternidade. E porque uma eternidade de tempo foi necessária para este vasto trabalho, portanto, ele acrescenta: "Tua misericórdia, ó Senhor, dura para sempre". E isso não afetará seus corações, que tem algum amor em você por ele, ou esperanças, ou buscas por tal amor?

(5) Considere o que o amor dele o levou a fazer por ti. Ele primeiro te deu um paraíso; mas isso não era bom o suficiente. Ele prepara o céu, não como aquilo de que foste digno de teu estado original, mas que ele pensava ser adequado para conceder, para mostrar quão grande Deus ele é: Heb. 2:11, "Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é

que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos," Sim, ele não estava satisfeito com os meios diretos comuns de amar; mas, como aqueles que são vastos e pródigo em entretenimentos, ele deve ter formas artificiais rudes para amor como são extraordinários. Para nos amar apenas o claro, direto e totalmente, e para nos dar o céu no primeiro dia, como ele fez os anjos que nunca pecaram, isso era muito baixo, muito mau. Seu amor deve tem meandros, curvas, dificuldades, sim, muita água para encontrar isso, e assim põe em perigo a sua extinção; tudo isso para elogiar a grandeza e transcendência dele. "O amor é tão forte quanto a morte;" e "as muitas águas não podem apagá-lo," Cant. 8: 6. E Rom. 5: 8, "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores." É o que diz Paulo. E Cristo, que deveria realizá-lo, sabia o que ele estabeleceu: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.", João 15:13. E ainda, ó querido Redentor, em quão baixo preço tu fixas teu amor, enquanto tu entras em suposições comparativas de um homem (um homem mortal e pecador) morrendo para outro!" Ninguém tem maior amor do que este"; e nisso supõe-se que a arte de boa vontade incluía isso também, como a maior elevação do amor do homem em suposição, "dar sua vida por seus amigos", sendo claro que não para seus inimigos. Mas ainda porque não poderia haver maior suposição feita, ela é, portanto, de bom grado para representar seu amor para nós por meio disto. Paulo faz a

suposição assim: Rom. 5: 7, "Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer.", isto é, um eminentemente e publicamente útil na proporção de sua vida, como é dito de Davi, valer dez mil de outros homens, "um homem ousaria morrer." Bem, vamos atender todas essas qualificações, e quando eles atenderem, ainda é apenas um "mal", mas uma chance, que qualquer um deve ser encontrado para morrer por tal. É apenas uma suposição de quem está caso contrário, cansado da vida; e ainda se ele chegar ao ponto, ele vai encolher; portanto, é adicionado, "ousar morrer. Mas fazer isso não por amigos, mas por inimigos; e para este fim, para torná-los amigos, quando ele poderia ter criado novos mais baratos, e o suficiente deles; ainda para morrer por pecadores ímpios, inimigos (como Paulo exagera nosso caso e condição lá), e para morrer aquele que teve uma vida para sacrificar, é um exemplo admirável de amor extraordinário. Para um mero homem, um homem pecador, morrer (o caso que Cristo e Paulo colocam), é apenas desistir de um jogo que deve ser perdido um pouco depois, para restaurar uma dívida, uma dívida que deve ser pago; mas "minha vida" (diz Cristo com ênfase), "ninguém pode tomar de mim," João 10:18, "eu mesmo a entrego voluntariamente". Deixe-me dizer (como ele insinua lá), seu pai não poderia aceitar, mas que ele mesmo consentiu; pois "seu Pai lhe havia dado ter vida em si mesmo," João 5:26. E sabereis o valor daquela vida que ele deu? Isto é a dignidade da pessoa dá valor à vida. Você tem isso, e você não

pode ter dito mais, 1 João 3:16, "Nisto percebemos o amor de Deus, que ele deu sua vida." Bem, então custou caro a Cristo, quem era Deus. E isso não era nada para Deus Pai também, não é? Não era nada para Deus ver alguém que era Deus, da mesma natureza, e seu companheiro, tão degradado? Como comove o homem ver qualquer um de sua natureza ser desprezado, por isso moveu Deus ver Deus o Filho, Deus igual com ele, dar sua vida; tocou a divindade em comum, como nas três pessoas. Mas para um Pai entregar e oferecer seu Filho, é um amor acima de nossos pensamentos para conceber, ou nossas palavras para expressar. Seu pai, Abraão, embora tivesse um coração grande demais para chorar por isso (você não vê lágrimas em seus olhos, nem menciona quando ele estava prestes a fazê-lo), mas ele sabia muito bem o que era oferecer um filho, um filho único. Para ter certeza de que Deus sabia disso, e mediu por conta própria o coração para seu próprio Filho, do sentido de que Deus proferiu aquelas palavras a Abraão: "Agora eu sei que tu me temes, visto que não me negaste teu filho, teu único filho," Gênesis 22:12. E não foi a vida do Filho de Deus proporcionalmente querida para ele, na medida em que ele é seu Pai por uma geração mais substancial e transcendente? "Meu Deus, meu Deus" (diz Cristo, Mat. 27:46), por que me abandonaste?" Tu que és em um respeito tão especial meu Deus e meu Pai (veja Ef 1: 3). E ele fala assim, curvando-se que iria atingir e afetar a alma dele. E ainda assim ele fala apenas a metade do que Deus fez nele, e ainda assim, considere como ele se separou, sim, abandonou um velho

amigo, um amigo do peito; e como Cristo também abandonou pai e mãe por sua esposa, a igreja, Ef. 5:25. E você acha que Deus é assim insensível, ou impassível, ou sem afeição natural por tal Filho, como que todos aqueles discursos deveriam ser apenas figuras retóricas, e fingimentos de uma parte triste? Quando, como você inculcou 1 João 4: 9, 10, "Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados."

E você tem o mesmo também em Rom. 8:32, "Aquele que não poupou o seu filho, mas o entregou por todos nós." Sim, além disso, pensem com vocês mesmos, que seu pai foi obrigado a ser o causador de sua própria justiça, para machucá-lo e quebrá-lo, "quando ele fez sua alma uma oferta pelo pecado," Isa. 53:10; pois nenhuma criatura poderia dar golpes fortes o suficiente para satisfazer a justiça pelo pecado. Ele colocou a madeira do sacrifício, a saber, nossos pecados, sobre sua alma, pois "ele colocou sobre ele as iniquidades de todos nós," e ele soprou o fogo também. Todos os foles terrestres teriam sido queimados, pelo menos não foi capaz de ter aquecido a fornalha o suficiente; sim, sua ira contra o pecado era o fogo. Pensem com vocês mesmos se sua mãe Maria deve ter sido a crucificadora dele, e deve ter batido em todos os cravos com suas mãos fracas trementes

(enquanto a cada golpe é dito que uma espada "perfurou a sua alma"), que excesso de tristeza a teria oprimido! Mas agora, mesmo o que o homem fez contra ele é dito por Deus a própria mão e conselho do Pai. E ainda para que fim toda essa tristeza e perda? Eu poderia dizer isso, e poderia defendê-lo, poderia ter sido poupado. Deus em sua prerrogativa poderia ter salvado pecadores sem ela.

Aquele clamor de Cristo clama tão alto em meus ouvidos: "Deixe este cálice passar; todas as coisas são possíveis para ti." Em que oração devemos supor não entrou no coração de Cristo para desejar que os eleitos não fossem salvos quando ele pronunciou; e ainda supõe que seja consistente com aquele cálice passando dele. Mas o amor foi colocado nele para ter a nossa salvação assim, e não transacionada de outra forma. Se a justiça tivesse permitido e deixado aquele cálice sombrio passar e escorregar, mas o amor estava comprometido e resolveu se manifestar desta maneira; e mais possível, poderia ter sido de outra forma, mas mais o amor deveria ser louvado em tomar isto, "que quando éramos pecadores, Cristo morreu por nós." Foi uma extravagância, uma superabundância de amor, uma invenção do amor, que não sabia como demonstrar amor o suficiente. E, meus irmãos, essas não são as noções ou ideias, são as maiores realidades e existências, que são apenas para serem compreendidas com nossos corações, e não por nosso entendimento; porque o amor de Deus "e de Cristo" excede todo o entendimento", Ef. 3:19 e

assim é não levado, senão pela impressão imediata do Espírito Santo, que é o "derramador deste amor de Deus em nossos corações" (não é assim muito em nosso entendimento), como o apóstolo fala.

(6) Eu venho depois dos procedimentos e dispensações de Deus para conosco; e aqui todos os caminhos de Deus são caminhos de amor e amizade: Sl. 25, "Todos os seus caminhos são misericórdia e verdade."

Ele nunca está fora do caminho de cumprir uma promessa ou verdade, ou de conceder uma misericórdia ou outra. Em sua própria aflição, ele cumpre uma promessa: "Com muita fidelidade me castigaste", Salmos. 119. E fidelidade é o desempenho de alguma confiança ou promessa de amar.

(7) Tudo o que ele faz livremente por nós, e não pensa muito nisso. Um homem deve acompanhar outros amigos e fazer uma gentileza para outro. Mas diz Deus, Os. 14: 4, "Eu te amarei livremente e curarei suas apostasias." E ele vai (diz Sofonias, cap. 3:17) "descansar em seu amor." Ele se alegra e se regozija em fazer uma bondade a seu povo: Jer. 32:41, "Vou alegrar-me por fazer-lhes o bem, com toda o meu coração e toda a minha alma." Em Tiago 1: 5 é dito, "ele dá gratuitamente e não censura;" a palavra é *ἀπλῶς*, ou seja, simplesmente ou isoladamente, que é, para nenhum outro fim além de dar, pois quem pode recompensá-lo? Então a verdadeira liberalidade, mesmo em nós, é denominada *ἀπλότης*, 2 Coríntios. 8: 2. Ele faz isso

meramente para fazer o bem, regozijando-se em fazê-lo; e, portanto, quando ele tem feito não censura, e não costuma dizer: Eu te dei assim e assim. Muitas vezes, em caso de grandes provocações, você pode ouvir falar dele, como Davi ouviu, mas foi apenas para derreter seu coração (2 Sam. 12: 8), mas por outro lado ele está em silêncio; considerando que outros amigos serão sempre e logo te procurando com gentilezas.

(8.) Sua valorização interior e real estima por você é responsável por, e mais do que sua bondade exterior; e realmente fazer isso é o maior atrativo de amizade. Ele prezou você acima de todo o mundo: Is. 43: 3, 4. "Porque eu sou o SENHOR, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate e a Etiópia e Sebá, por ti. Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei, darei homens por ti e os povos, pela tua vida." E ele deu um verdadeiro testemunho disso ao dar seu Filho, que valia muito mais de mil mundos: Mat. 10:30 e Lucas 12: 7, quando até mesmo seus cabelos estão todos contados - o cabelo, que é o a mais vil e sem valor do homem, e que em um provérbio os latinos se expressam como uma coisa sem valor, *ne pili æstimo*. Coisas que valem a pena usar para serem numeradas, e coisas que não são consideradas *nullius numeri*. David fez uma grande ocasião do amor de Deus por ele, que "todos os seus membros foram escritos no livro de Deus, "Sl. 139: 16. Mas Cristo desce até aos nossos cabelos; e todos são numerados; quanto mais nossas pessoas.

(9.) Outros amigos terão vergonha de você quando você cair em desgraça e pobreza, embora eles nunca o conhecessem tão bem antes: Prov. 19: 7, "Se os irmãos do pobre o aborrecem, quanto mais se afastarão dele os seus amigos! Corre após eles com súplicas, mas não os alcança." Mas o grande Deus está tão longe de ter vergonha de nós, que ele toma sua denominação de nós, e nos leva em seu estilo; para testemunhar essa expressão, "o Deus de Abraão," etc. ao qual aquele de Heb. 11:16 refere-se.

(10.) Em todas as aflições ele será teu amigo. Quando você está em maiores provações e angústias, então ele se mostrará mais como um amigo, que na verdade é o momento da prova de um amigo: Prov. 17:17, "Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão." Que é a ocasião especial para a qual um homem deve usar um amigo. "Em tempo de adversidade" (diz Jó, cap. 6:14) "um homem teria piedade de seu amigo." Mas geralmente cai (como diz Salomão, Prov. 19: 7), "Se os irmãos do pobre o aborrecem, quanto mais se afastarão dele os seus amigos! Corre após eles com súplicas, mas não os alcança." Mas então o Senhor te reconhecerá mais especialmente, se tu o sequires com palavras, com orações, e busques sinceramente a ele. Portanto, Davi (Salmos 31: 7) diz: "Tu conhecestes a minha alma na adversidade." E Davi fala com base em seu amor, que ele fez isso na maioria das vezes, quando outros não o conheceram nem o consideraram. E

considerando outros amigos que podem estar ausentes e não serem capazes de te ajudar ou aconselhar-te, "ele é um socorro presente na angústia," Sl. 46: 1. Sim, existem casos em que todos os teus amigos no mundo, se presentes, poderiam te colocar em nenhum lugar, mas seriam consoladores miseráveis, como em caso de escândalo, etc., e então Deus invadirá e te possuirá. Sim, além disso, é dito, Sl. 41: 3, que "ele faz nossa cama em nossa doença". É colocado para expressar a maior ternura na angústia, uma condescendência em fazer o pior ofício, uma prontidão para suprir todas as necessidades e deficiências; e no que ele diz, ele fará toda a tua cama, e isto importa a máxima diligência e cuidado universais naquilo que é comprometido com os servos da classificação mais baixa. Ele irá, como um amigo, sentar-se ao seu lado, colocar o seu travesseiro para ti, facilitar tua cama; isto é, tornar uma angustiada condição confortável, trazendo qualquer coisa para você, cuidando de tudo, aplicando-se a ti de modo que digas então, que estás à vontade no meio de problemas.

(11.) Deus não irá rejeitá-lo quando você estiver velho e necessitado de força para servi-lo; mas (como é em Jer. 3:14) ele então se lembra da bondade e das dores tomadas em sua juventude. Davi ora, Sl. 71: 9, "Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares." Você sabe a resposta de Deus, muito antes de ele orar e uma vez que é repetido com

cinco negativos para nos assegurar disso, "Eu nunca irei, em nenhum lugar, em nenhuma ocasião, te abandonar ou te desamparar."

(12) Outros amigos, por uma má oportunidade, esquecerão todas as boas ações anteriores e gentilezas feitas, embora nunca tantas; mas Deus ao contrário vai esquecer todos os seus pecados, e não se lembrará mais deles (Isa. 43:25); mas nenhuma boa ação ou ofício de amor, não, nenhum bom pensamento do primeiro ao último, será esquecido, mas permanece, e tem uma impressão profunda. Essas coisas que você esqueceu, no último dia ele se lembrará delas, e isso para recompensá-lo. Cada copo de água fria terá uma recompensa: "Deus não se esquece de seu trabalho de amor ao nome dele", Heb. 6:10.

(13.) Sim, quando você morrer, ele se lembrará de você e dos seus.

Outros amigos enterram sua amizade nos túmulos do falecido, mas Deus não cuidará apenas dos teus próprios ossos, Sl 34:20, mas lembrará de ti na tua descendência, como Davi fez com a posteridade de Jônatas. Portanto ele se lembrou da semente de Abraão por causa de seu pai: "A semente de Abraão, meu amigo", disse ele, Isa. 41: 8; e então ele lembrou da semente de Davi, 1 Reis 11:34; e Rom. 11, "Eles são amados" (e é pelo evangelho) "por causa de seus pais."

(14.) Por último, tudo o que ele possui, você terá parte; não, tudo que ele tem tu herdará, Ap 21: 7. O próprio Deus pode ter, senão todas as coisas, e

você terá tudo o que ele tem, João 17:24 e João 12:24. Cristo fala com o coração, como se fosse suz únicz e pessoal glória não faria bem a ele, a menos que estivéssemos com ele e tendo parte disso. Todos os seus atributos serão para a tua felicidade, bem como para sua própria glória; seu poder, sabedoria e misericórdia serão postos em ação para o teu bem; e embora todos esses atributos sirvam para sua própria glória, no entanto, eles devem servir tão verdadeira e realmente para o teu conforto como para a sua glória. Tudo dentro dele e fora dele deve ser colocado em trabalho para o teu bem. O que você pode ter mais de um amigo?

Agora, se Deus foi, é e será um tal amigo para nós, que tipo de pessoas que devemos ser em voltar novamente a ele! Meus irmãos, este é o seu chamado; você é chamado para ser amigo de Deus, veja você caminha dignamente e com responsabilidade até ele, de modo a preencher a medida dessa relação, e observar tanto quanto possível as leis de amizade que sempre pode ser havido ter havido entre dois amigos, porque Deus muito bem o merece das tuas mãos. E deveria movê-lo se você estivesse muito tempo diante dos inimigos, e nada tivesse nada além de guerras em seus pensamentos contra ele e, portanto, você precisaria agora se esforçar para fazer as pazes.